



Identidade! é licenciada
sob uma Licença Creative Commons.

**Processos de
identificação:
hibridação e o racismo
nas telenovelas
brasileiras**

**Identity processes:
hybridization and
racism in
brazilian
soap operas**

Maureci Moreira de Almeida

Mestrando em Estudo de Cultura Contemporânea – ECCO/UFMT.
Especialista em Relações Raciais e Educação na Sociedade Brasileira pelo NEPRE/UFMT
Bacharel e Licenciado em filosofia pela UFMT.
Professor de Filosofia da rede Estadual de Educação.

Francisco Xavier Freire Rodrigues

Doutor em sociologia,
Professor do departamento de Sociologia e Ciência Política da UFMT.
Professor do Programa de Pós-graduação de Estudos de Cultura Contemporânea – ECCO,
do Instituto de Linguagens da UFMT.
Coordenador do Grupo de Trabalho Sociologia do Esporte da Sociedade Brasileira de Sociologia.

Resumo:

O presente artigo tem foco discutir a questão da relação entre identidade, hibridação e o racismo nas telenovelas. Assim, procuramos apresentar as concepções de identidade segundo Bauman, Hall e Canclini. Destacando, deste último, também a noção de hibridação. Pois, de acordo com estes autores, a identidade, como algo puro e imutável é descartada, constituindo uma mera ficção. O que existem são processos identitários, e estes estão em uma dinâmica de construção e reconstrução. E a ideia de hibridação está relacionada diretamente com a mesma questão, pois, as identidades, por não serem puras, são os resultados das hibridações de diversas culturas e costumes. Sendo assim, as telenovelas brasileiras parecem reforçar uma espécie de pureza da identidade nacional ao evidenciar apenas o fenótipo branco. Desse modo, para quem assiste às novelas brasileiras (tanto os telespectadores nacionais quanto os estrangeiros), podem ter uma falsa impressão de que no Brasil há uma maioria branca e, que se vive em uma democracia racial. Optamos como metodologia, para discutir essas questões, a utilização das concepções de Joel Zito Araújo, que trata especificamente do problema do racismo, sobretudo nos produtos audiovisuais. Com base nos autores mencionados, faremos uma análise sobre o processo de hibridação que está presente na construção das identidades que repercuti nas telenovelas de modo racista e excludente.¹

Palavras-chave: Identidade. Telenovelas. Racismo. Hibridação.

¹ Este trabalho conta com o financiamento da FAPEMAT - Fundação de amparo à pesquisa do Estado de Mato Grosso.

Abstract:

This paper discuss he relationship between identity, hybridization and racism in Brazilian soap operas. Thus, we use the identity concepts according to Bauman, Hall and Canclini. Highlighting, the last author also the hybridization conception. According to these authors, the identity is not something pure and immutable; it is a discarded point of view, constituting a mere fiction. There are just identity processes, and these are in a dynamic construction and reconstruction process. In addition, the hybridization idea is directly related to the same issue because the identities are not pure, but they are the result of hybridizations of different cultures and customs. Thus, Brazilian soap operas seem to reinforce a kind of purity of national identity by showing only the white phenotype. In this manner, for those who watch the soap operas (both domestic as foreign viewers) can have a false idea that there is a white majority in Brazil and that we live in a racial democracy. We chose, as methodology to discuss these issues, the Joel Zito Araújo's concepts, which deals specifically with the racism problem, especially in audiovisual products. Based on the mentioned authors, we are going to make an analysis of the hybridization process that is present in the identities construction and reverberates in soap operas in a racist and exclusionary way.

Keywords: Identity. Soap Operas. Racism. Hybridization.

Introdução

Este artigo tem como objetivo discutir a questão da relação entre racismo e identidades, com base na literatura especializada. Para isso utilizaremos das concepções de Joel Zito Araújo, que trata especificamente do problema do racismo, sobretudo nos produtos audiovisuais. Na investigação dessa questão, recorreremos também as noções de identidade de Zygmunt Bauman, Stuart Hall e de Nestor Garcia Canclini, e as concepções de hibridação deste último. Com base nestes autores, faremos uma análise sobre o processo de hibridização que está presente na construção das identidades.

A questão da Identidade em Bauman, Hall e Canclini

Gostaríamos, para iniciar a discussão, de apresentar como Bauman (2005), Hall (2006) e Canclini (2013) compreendem a questão da identidade. E no caso de Canclini, além de falar como ele compreende a identidade, iremos apresentar também sua noção de hibridação. Conceito central na obra do referido autor.

Assim, de acordo com Bauman, a identidade “[...] só nos é revelada como algo a ser inventado, e não descoberto”.² Ela não pode ser descoberta porque de fato nunca existiu como uma marca evidente, por exemplo, de um determinado povo ou etnia. Sempre foi frágil com um caráter provisório.³

Bauman afirma que “[...] os pais espirituais da sociologia [...]”⁴, como Weber, Durkheim e Simmel, nunca se preocuparam com esta questão. E por que não se preocupavam? Porque para eles, apesar de estarem profundamente envolvidos com as demandas de seu tempo, a questão da

² BAUMAN, Zygmunt. *Identidade*: entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Zahar, 2005. p. 21.

³ BAUMAN, 2005.

⁴ BAUMAN, 2005, p. 21.

identidade nunca lhes chamou a atenção. Pelo que parece, não constituía um problema para o momento no qual viviam. Diferente de hoje, no qual a identidade é o “[...] papo do momento [...]”⁵ e está em evidência em diversos debates e estudos. Entretanto, de acordo com Bauman (2005), seria justamente este fascínio pela questão da identidade que provavelmente chamaria a atenção dos clássicos da sociologia, mas não a ideia de identidade em si mesma, como algo puro e imutável.

Bauman afirma que a questão de identidade tem uma ligação muito forte com a ideia de nação. Segundo o autor, a identidade é uma ficção que serviria para garantir uma unidade nacional. Nessa perspectiva, ele cita o caso de sua terra natal, a Polônia, em que tentaram criar, antes da Segunda Guerra Mundial, uma identidade nacional. Para isso o Estado polonês realizou um censo. Entretanto, como afirma Bauman, a Polônia era uma sociedade multiétnica, com diversos credos religiosos e variados costumes. Quando os funcionários do Estado começaram o censo, encontram problemas. Pois as pessoas não sabiam, conforme relata Bauman, a que nacionalidade pertenciam.

Como seria previsível num Estado moderno, os funcionários do censo foram, não obstante, treinados a esperar que para cada ser humano houvesse uma nação a que ele ou ela pertencesse. Foram instruídos a coletar informações sobre a auto-identificação nacional de todos os indivíduos do Estado polonês (hoje se diria: “sua identidade étnica ou nacional”). Em cerca de um milhão de casos os funcionários falharam: os entrevistados simplesmente não entendiam o que eram uma “nação” nem o que significava “ter uma nacionalidade”. Apesar das pressões – ameaças de multa combinadas com esforços verdadeiramente excepcionais no intuito de explicar o significado de “nacionalidade” –, eles se atinham teimosamente às únicas respostas que lhes faziam sentido: “somos daqui”, “pertencemos a este lugar”. Por fim, os administradores do censo tiveram que se render e acrescentaram “pessoas do lugar” à lista oficial de nacionalidades.⁶

Para Bauman, a concepção ou a ideia de identidade e “[...] particularmente de ‘identidade nacional’”, não foi “naturalmente” gestada e incubada na experiência humana, não emergiu dessa experiência com um “fato da vida auto-evidente”.⁷ Ela foi forçada a entrar na vida de homens e mulheres “[...] modernos – e chegou como uma *ficção*”.⁸ Assim,

*A ideia de “identidade” nasceu da crise do pertencimento e do esforço que esta desencadeou no sentido de transpor a brecha entre o “deve” e o “é” e ergue a realidade ao nível dos padrões estabelecidos pela ideia – recriar a realidade à semelhança da ideia.*⁹

A concepção de pertencer a algum lugar por nascimento tinha o significado de um indivíduo, por exemplo, ser parte de maneira inequívoca e natural da nação na qual nasceu. Entretanto, no líquido mundo moderno¹⁰ isso não é mais assim. Pois as identidades têm um caráter flexível, móvel e instável. Os habitantes desse mundo líquido moderno buscam construir e manter todas as referências comunais de suas identidades que estão em movimento, juntamente nos grupos

⁵ BAUMAN, 2005, p. 21.

⁶ BAUMAN, 2005, p. 23ss.

⁷ BAUMAN, 2005, p. 26.

⁸ BAUMAN, 2005, p. 26.

⁹ BAUMAN, 2005, p. 26.

¹⁰ BAUMAN, 2005.

ao quais pertencem, construindo e procurando manter vivas, mas como afirma Bauman, “não por muito tempo”.¹¹

Portanto, a concepção de identidade para Bauman está ligada a uma crise de pertencimento do mundo líquido moderno¹². De acordo com ele, “no admirável mundo novo das oportunidades fugazes e das seguranças frágeis, as identidades ao estilo antigo, rígidas e inegociáveis, simplesmente não funcionam”.¹³

Seguindo a mesma linha de pensamento, apresentaremos agora a perspectiva de Stuart Hall sobre a questão da identidade (que não deixa, em certa medida, de corroborar as teses de Bauman acerca da identidade). O sujeito unificado e o mundo social sempre foram estabilizados por velhas identidades que no mundo atual estão em decadência.¹⁴ Isso faz surgir novas identidades que fragmentam o indivíduo moderno. Nesta perspectiva, o autor afirma que:

A assim chamada “crise de identidade” é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social.¹⁵

Esse processo de mudança na identidade dos indivíduos, no mundo contemporâneo, nas palavras de Hall, sofreu um “descentramento”.¹⁶ Hall, nesse sentido, realiza um mapeado da concepção de sujeito e de identidade para evidenciar este descentramento. De modo que ele inicia o percurso de mapeamento pelo filósofo e matemático René Descartes (1596-1650). De acordo com Hall, Descartes colocou “no centro da ‘mente’ [...] o sujeito individual, constituído por sua capacidade para raciocinar e pensar”.¹⁷ Assim esta concepção de “sujeito racional”¹⁸ localizada no centro de todo o conhecimento, ficou conhecida “como o ‘sujeito do conhecimento’”.¹⁹

Hall aponta ainda outro filósofo que fez uma contribuição crítica na questão do sujeito e da identidade que foi John Locke. Este último postulava, segundo Hall, uma definição de “[...] indivíduo em termos da ‘mesmidade (*sameness*) de um ser racional’ – isto é, uma identidade que

¹¹ BAUMAN, 2005, p. 32.

¹² Esta expressão diz respeito, na obra de Bauman, às condições do mundo atual. Pois a fluidez das relações humanas, econômicas, políticas e sociais estão mais porosas, sem as barreiras ou fronteiras solidamente demarcadas que constituíam a modernidade. Assim, Bauman afirma que: “‘Líquido-moderna’ é uma sociedade em que as condições sob as quais agem seus membros mudam num tempo mais curto do que aquele necessário para a consolidação, em hábitos e rotinas, das formas de agir” (BAUMAN, 2007, p. 07). Nesta perspectiva Souza (2012) aponta que a “modernidade líquida é uma fase que se contrapõe a modernidade sólida, aquela época que desenhou e consagrou-se com o Iluminismo, mas que tem em seu lastro o Positivismo, a Revolução Industrial, o Fordismo e incontáveis eventos e teorias que formularam um mundo (predominantemente o lado ocidental do planeta) governado por uma racionalidade que definiu um *savoir-faire* baseado na soberania da ciência, na lógica, no cálculo, na eficácia do planejamento, na indústria, na constância, na fidelidade aos compromissos e estratégias traçadas pela razão (SOUZA, 2012, p. 14)”.

¹³ BAUMAN, 2005, p. 32.

¹⁴ HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11ª. ed. – Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

¹⁵ HALL, 2006, p. 7.

¹⁶ HALL, 2006.

¹⁷ HALL, 2006, p. 27 (grifos do autor).

¹⁸ HALL, 2006.

¹⁹ HALL, 2006, p. 27 (grifos do autor).

permanecia a mesma e que era contínua com seu sujeito”.²⁰ Portanto, um sujeito imutável, fixo e centrado. Que era “[...] o ‘sujeito’ da modernidade em dois sentidos: a origem ou ‘sujeito da razão’, do conhecimento e da prática; e aquele que sofria as conseqüências dessas práticas – aquele que estava ‘sujeitado’ a elas”.²¹ Diferentemente do que era possível ainda conceber no século XVIII, “[...] os grandes processos da vida moderna como estando centrados no indivíduo ‘sujeito-da-razão’”²² mudou na medida em que a sociedade se tornou mais complexa.²³

Surge desse modo, uma noção de sujeito mais social. “O indivíduo passou a ser visto como mais localizado e ‘definido’ no interior dessas grandes estruturas e formações sustentadoras da sociedade moderna”.²⁴ Segundo Hall, dois acontecimentos aparecem para contribuir e também mudar o sujeito moderno: a biologia darwiniana e o nascimento das novas ciências sociais.²⁵ No primeiro evento, o sujeito foi “biologizado”. A razão estava com sua base na natureza “[...] e a mente um ‘fundamento’ no desenvolvimento físico do cérebro humano”.²⁶ Já no segundo evento, o surgimento das ciências sociais, diferentemente do primeiro, teve um desenvolvimento desigual. Hall explica que o “indivíduo soberano”²⁷ manteve suas necessidades, desejos, etc., centralizado tanto nos “[...] discursos da economia moderna quanto nos da lei moderna”.²⁸ Enquanto que o dualismo existente no pensamento cartesiano “[...] foi institucionalizado na divisão das ciências sociais entre a psicologia e as outras disciplinas”.²⁹ Os estudos dos processos mentais dos indivíduos se tornaram objetos de investigação da psicologia.³⁰

Já a sociologia “[...] forneceu uma crítica do ‘individualismo racional’ do sujeito cartesiano”.³¹ E evidenciou que os indivíduos são resultados de processos elaborados nos grupos aos quais pertencem. E para avançar mais no pensamento de Hall sobre a questão da identidade, veremos como o sujeito moderno sofreu um processo de descentramento.

O autor ainda sugere que houve cinco avanços, tanto nas teorias sociais quanto nas ciências humanas que contribuíram com mudanças significativas em relação ao sujeito.³² E aqui não iremos aprofundar esses avanços. Apenas os nomearemos conforme as conclusões de Hall. De maneira que o primeiro descentramento, o do sujeito moderno, ocorreu com o pensamento das tradições marxistas. O segundo se deu com a descoberta do inconsciente por Sigmund Freud. O terceiro ocorreu com os estudos do linguísta estrutural Ferdinand de Saussure. O quarto descentramento, o mais importante segundo Hall, surge com as pesquisas do filósofo e historiador francês Michel

²⁰ HALL, 2006, p. 27 (grifos do autor).

²¹ HALL, 2006, p. 28 (grifos do autor).

²² HALL, 2006, p. 29 (grifos do autor).

²³ HALL, 2006.

²⁴ HALL, 2006, p. 30 (grifos do autor).

²⁵ HALL, 2006.

²⁶ HALL, 2006, p. 30 (grifos do autor).

²⁷ HALL, 2006.

²⁸ HALL, 2006, p. 30.

²⁹ HALL, 2006, p. 31.

³⁰ HALL, 2006.

³¹ HALL, 2006, p. 31 (grifos do autor).

³² HALL, 2006.

Foucault. O quinto e último descentramento ocorre justamente com a organização do feminismo, seja teoricamente ou como prática de movimento social.

Essas são, em linhas gerais, o que Hall concebe como elementos que contribuíram para o descentramento do sujeito, que teve como consequência a fragmentação da identidade. E que nos tempos atuais não seguem mais os rígidos conceitos estabelecidos outrora.

E para encerrar esta parte em que Hall trata da identidade, gostaríamos ainda de destacar, conforme o que ele afirma no segundo descentramento do sujeito, fundamentado nas teorias de Freud, que

[...] a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. Existe sempre algo 'imaginário' ou fantasiado sobre sua unidade. Ela permanece sempre incompleta, está sempre 'em processo', sempre 'sendo formada'.³³

Assim, as identidades são processos. Ou dizendo de outra maneira, processos de identificação. Canclini, já para dar a conhecer a sua compreensão de identidade, utiliza desta concepção. E de acordo com ele:

Os estudos sobre narrativas identitárias como enfoque teórico que levam em conta os processos de hibridação (Hannerz; Hall) mostram que não é possível falar das identidades como se se tratasse apenas de um conjunto de traços fixos, nem afirmá-las como a essência de uma etnia ou de uma nação. A história dos movimentos identitários revela uma série de operações de seleção de elementos de diferentes épocas articulados pelos grupos hegemônicos em um relato que lhes dá coerência, dramaticidade e eloquência.³⁴

As narrativas identitárias, segundo Canclini (2013), e suas sedimentações em um mundo interconectado se organizam “[...] em conjuntos históricos mais ou menos estáveis (etnias, nações, classe) se reestruturam em meio a conjuntos interétnicos, transclassistas e transnacionais”.³⁵ O contato com outros grupos possibilita a apropriação de valores, tanto morais e estéticos quanto materiais, por parte dos membros de outros grupos.

As diversas formas em que os membros de cada grupo se apropriam dos repertórios heterogêneos de bens e mensagens disponíveis nos circuitos transnacionais geram novos modos de segmentação: dentro de uma sociedade nacional, por exemplo, o México, há milhões de indígenas mestiçados com os colonizadores brancos, mas alguns se ‘chicanizaram’ ao viajar aos Estados Unidos; outros remodelaram seus hábitos no tocante às ofertas comunicacionais de massa; outros adquiriram alto nível educacional e enriqueceram seu patrimônio tradicional com saberes e recursos estéticos de vários países; outros se incorporaram a empresas coreanas ou japonesas e fundem seu capital étnico com os conhecimentos e as disciplinas desses sistemas produtivos. Estudar processos culturais, por isso, mais do que levar-nos a afirmar identidades auto-suficientes, serve para conhecer formas de situar-se em meio à heterogeneidade e entender como se produzem as hibridações.³⁶

³³ HALL, 2006, p. 38 (grifos do autor).

³⁴ CANCLINI, Néstor García. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. 4. ed. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 2013. p. XXIII.

³⁵ CANCLINI, 2013, p. XXIII.

³⁶ CANCLINI, 2013, p. XXIIIss (grifo do autor).

Para Canclini, os processos culturais seriam importantes para se conhecer os mecanismos que vão produzir as hibridações, frente à heterogeneidade das culturas e dos modos de ser. Sendo que estes últimos se constituem na relação com o diverso. A afirmação de uma identidade pura, imutável e autossuficiente, na realidade parece que nunca existiu. Para isso Canclini demonstra como o estudo da hibridação modificou os modos, por exemplo, de se ver a identidade. Mas, nessa perspectiva, como Canclini compreende a hibridação? Como ela é constituída? Como Canclini a conceitua?

Canclini parte de uma conceituação inicial de hibridação, em que diz: “[...] entendo por hibridação processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existiam de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas”.³⁷

Mas, no processo de hibridação, o que seriam as práticas discretas? Como exemplo, Canclini cita o *spanglish* (a ligação ou conexão entre o inglês e o espanhol nas comunidades de origem latina situadas nos Estados Unidos³⁸, que foi resultado dessas práticas ou estruturas discretas). No entanto, gostaria de citar, para ficar com um exemplo mais próximo, outro processo de hibridação que está no campo da culinária, que é a feijoada brasileira. Conforme a concepção popular atual, a feijoada foi o resultado da mistura das partes menos nobre do porco (os quais os senhores de engenhos e seus familiares não consumiam) com feijão. Mas, alguns historiadores afirmam que a feijoada teve sua origem em Portugal, e não nas senzalas brasileiras, como se costumar pensar³⁹.

O que procuramos ressaltar no exemplo acima, é que não importa se a feijoada teve sua origem com os negros em situação de escravizados no Brasil ou se ela veio de Portugal. O importante é notar que ela passou por um processo de hibridação. O acréscimo de outros elementos na sua composição é o que realmente importa para a noção de hibridação. E esses elementos não são apenas em relação aos ingredientes que a compõem. Há também os aspectos socioculturais. Nas diversas classes sociais a feijoada é apreciada como alimento requintado. No fundo, não há uma origem pura da feijoada. Ela seria o híbrido da cultura portuguesa e da cultura negra, que, juntas, a (re)criaram. Atualmente, a feijoada ainda passa por outros processos de hibridação. Outros dois exemplos do processo de hibridação, que ilustram muito bem esta noção, é a capoeira e o futebol. No caso da capoeira, reúne-se em um só tempo luta, dança, cultura popular e música⁴⁰. O futebol, além de ser um dos maiores entretenimentos esportivos e ser considerado uma paixão brasileira, chama a atenção no seu processo de hibridação a sua origem milenar. Pois, segundo consta, desde a Grécia antiga, passando pela China e chegando aos tempos atuais, esse esporte passou por algumas variações, que aqui não detalharemos, mas que recebeu inúmeras influências e contribuições de diferentes povos.⁴¹

³⁷ CANCLINI, 2013, p. XIX.

³⁸ CANCLINI, 2013.

³⁹ Sobre isto conferir em: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Feijoada_\(Brasil\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Feijoada_(Brasil))

⁴⁰ Conferir <http://www.filhosdejahveh.com.br/pagina.asp?ip=72&t=Como+a+Capoeira+foi+criada>

⁴¹ Sobre isto conferir em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Futebol>

Outro aspecto da definição de hibridação que Canclini (2013) sugere é a contraposição entre outros três conceitos que tratam das relações interculturais, interétnicas e fusões culturais. São eles: mestiçagem, criouliização e sincretismo. Não iremos descrever minuciosamente o que Canclini diz a respeito de cada um deles. Porém, diremos que o autor revela que os termos mestiçagem, criouliização e sincretismo (apesar de serem legítimos para tratar de questões específicas tais como: as relações étnicas, a fusão de línguas e a mistura de práticas religiosas) não seriam suficientes “[...] para especificar formas particulares de hibridação mais ou menos clássicas”.⁴² Desse modo, Canclini afirma:

Mas, como designar as fusões entre culturas de bairro e midiáticas, entre estilos de consumo de gerações diferentes, ente músicas locais e transnacionais, que ocorrem nas fronteiras e nas grandes cidades (não somente ali)? A palavra hibridação aparece mais dúctil para nomear não só as combinações de elementos étnicos ou religiosos, mas também a de produtos das tecnologias avançadas e processos sociais modernos ou pós-modernos.⁴³

Por ser mais flexível e adaptável, a palavra hibridação consegue inserir no seu arcabouço de sentidos um conjunto maior de significados para os elementos e combinações étnicas, culturais e religiosas. Portanto, a noção de hibridação seria mais concebível para se pensar os processos e cruzamentos de culturas e suas práticas.⁴⁴ Contudo, o autor aponta os limites dessa noção.

[...] é possível reconhecer o que contém de desgarre e o que não chega a fundir-se. Uma teoria não ingênua da hibridação é inseparável de uma consciência crítica de seus limites, do que não se deixa, ou não quer ou não pode ser hibridado.⁴⁵

Canclini, dessa maneira, nos diz que a teoria da hibridação encontra seus limites quando está alicerçada numa consciência crítica, do que poderia ser hibridado, do que não pode e do não se deixa ser hibridado. É justamente nesse sentido que pretendemos, a partir de agora, tratar da questão do racismo à brasileira, e fazer uma ligação com os meios midiáticos, para discutirmos a não hibridação, pelo menos em parte, do negro nas telenovelas brasileiras. Em que ele, o negro, continua a fazer papéis subalternizados e submissos ao pensamento das classes hegemônicas brancas.

Dessa forma, discutimos a concepção de identidade, em autores como Bauman, Hall e Canclini. Todos, de modo geral, apontam que a identidade é uma construção. Ela é flexível. Nunca foi pura. E é adaptável. De modo que os autores, pelo menos Hall e Canclini, afirmam que não há identidade, mas processos identitários. E a hibridação, de acordo com Canclini, é parte desse processo. Entretanto, ao se tratar da questão do racismo, e pelo viés que sugerimos aqui (fazer uma abordagem do racismo a partir de uma reflexão das telenovelas), não houve hibridação da cultura negra nos produtos audiovisuais (no caso os folhetins) por completo. Há uma ausência e certa negação desse segmento racial nesses produtos. Isso acaba, a nosso ver, fragilizando o processo de autoidentificação desse grupo racial.

⁴² CANCLINI, 2013, p. XXIX.

⁴³ CANCLINI, 2013, p. XXIX.

⁴⁴ CANCLINI, 2013.

⁴⁵ CANCLINI, 2013, p. XXVII.

Fragilização nos processos de identificação negra nas telenovelas

A partir desse ponto, analisaremos a possível fragilização provocada pelos produtos audiovisuais, sobretudo nas telenovelas, em relação aos processos de identificação⁴⁶ e o sentimento de pertencimento da população negra.⁴⁷

Nesse sentido, a questão do racismo no Brasil, de certo modo, tem nas telenovelas brasileiras um aliado, se podemos nos expressar assim, na difusão da ideologia do branqueamento,⁴⁸ isto é, do pensamento e da cultura hegemônicas.

De modo geral, as telenovelas brasileiras fragilizam os processos de identificação dos negros, com seus produtos *embranquecidos*. Assim sendo, surgem as seguintes indagações: como a telenovela torna efetiva esta fragilização? Há uma abordagem da identificação negra no enredo novelístico? E quais seriam os estereótipos mais recorrentes em relação ao negro nos folhetins? Estes são problemas que atravessam a compreensão do racismo existente no Brasil. Pois, todo processo de identificação dos negros veiculada pela teledramaturgia sempre foi virtual e distanciada do componente real da cultura da população negra do Brasil. Os inúmeros estereótipos produzidos sobre o negro são exemplos desse distanciamento.

Ao longo de sua história, a televisão parece ter apresentado poucas oportunidades para os atores afrodescendentes, que buscaram por ela e deram a “alma” por suas carreiras artísticas, sonhando em poder interpretar grandes papéis, representar heróis e mocinhas, serem reconhecidos como grandes estrelas, ou que, simplesmente, desejavam ser amados pelo público, pelo exemplo de humanidade oriundo da força e diversidade dos papéis pelos quais poderiam representar o brasileiro comum.⁴⁹

Ao agir assim com os atores e atrizes negras, a televisão brasileira demarca a posição racial no Brasil, pois que nega a hibridação cultural e étnica existentes e a representação na ficção da maior parte da população, constituída por negros,⁵⁰ fragilizando sua autoidentificação. Araújo (2004), nesse sentido, afirma que o sistema de classificação, bem como a ideologia do branqueamento, emperra o desenvolvimento de pertença da população negra. E a televisão, por meio de seus folhetins, acabaria reforçando isso.

Surge, então, outra questão: como as telenovelas brasileiras atuam na propagação da ideologia do branqueamento? Uma possível resposta para este problema é apresentada por Araújo nos seguintes termos:

⁴⁶ Apesar de que já tratarmos desse tema desde as páginas iniciais deste texto, agora, para reiterar, iremos utilizar as expressões processos identitários e hibridação, em conformidade com as concepções de Néstor García Canclini.

⁴⁷ De acordo com Jesus e Castro (2011) o IBGE classifica a população negra no seguinte critério: cor/raça. Sendo que, cor é preto e pardo que, somados, se equivalem à população negra.

⁴⁸ Esta ideologia ou teoria do branqueamento esteve em voga no final do século XIX e início do século XX no pensamento que envolve as questões raciais do Brasil. Sendo que nos dias atuais ainda se nota seus resquícios, sobretudo nos produtos audiovisuais da televisão brasileira.

⁴⁹ ARAÚJO, Joel Zito. *A negação do Brasil: o negro na telenovela brasileira*. São Paulo: Editora Senac, 2004. p. 20 (grifo do autor).

⁵⁰ De acordo com Joel Zito Araújo, a maior parte da população brasileira é constituída por negros. Desse modo, negros são todos os pardos e pretos segundo a classificação do IBGE.

E hoje, os mitos da “raça cósmica”, ou do “mulato inzoneiro” que resultaria na formação de um homem novo ideal nas Américas, revelam-se apenas como celebrações discursivas do passado, e caem por terra quando observamos as telenovelas brasileiras, mexicanas, colombianas, venezuelanas, ou produzidas em qualquer parte da América Latina, que funcionam como os melhores atestados de que sempre prevaleceu à ideologia da branquitude como formadora do padrão ideal de beleza e, ao mesmo tempo, como legitimadora da ideia de superioridade do segmento branco. A escolha dos galãs, dos protagonistas, celebra modelos ideais de beleza europeia, em que quanto mais nórdicos os traços físicos, mais destacado ficará o ator ou atriz na escolha do elenco.⁵¹

Assim, o fenótipo mais celebrado e idealizado pelos telespectadores, no caso do Brasil (e não só no Brasil, mas em toda a América), serão hegemonicamente os modelos brancos de beleza. Sendo que, em relação aos atores e as atrizes negros, “independente da fusão racial a que pertencem”,⁵² se trazerem traços marcadamente não brancos, serão sempre vitimados pelos estereótipos dos papéis que interpretarão nas tramas novelísticas. Como exemplo dessa afirmação, Araújo nos diz que:

[...] Dira Paes, uma atriz de cinema que, por ter traços indígenas acentuados, tem pouco espaço na TV além do papel de uma empregadinha cômica e de pouca inteligência no *sitcom A Diarista*. Ou José Dumont, um ator ausente também das telenovelas, por ter fortes traços do homem do sertão nordestino. E Nelson Xavier, que, em decorrência dos seus traços de negro-mulato, sempre foi escolhido para fazer o papel do pequeno comerciante ressentido, do delegado “frouxo”, do “típico malandro brasileiro”, e somente usou terno e gravata em uma telenovela depois de mais de vinte anos de história na televisão.⁵³

A atriz e os atores citados acima, bem como outros que são negros ou têm ascendência indígena, por exemplo, são submetidos, pela influência do racismo brasileiro, a atuarem nos folhetins representando personagens fragmentadas. Personagens que apresentam pouca complexidade psicológica, uma personalidade rasa e, além do mais, carregada de estereótipos. Isso marca a condição social e racial do Brasil, que está impregnado pela ideologia do branqueamento, em que negros e indígenas vivem “[...] um eterno sentimento racial de inferioridade, e uma consciência difusa e contraditória de ser uma casta inferior que deve aceitar os lugares subalternos intermediários do mundo social”.⁵⁴ E, quando negros e indígenas surgem nas telenovelas interpretando alguma personagem, seja ela qual for, trazem no papel representado as marcas dos estereótipos (a ingenuidade, aspecto estético negativo, subalternidade, malandragem e sensualidade) dadas pela condição racial em que vivem.

Geralmente, são estes os estereótipos mais frequentes que se apresentam em relação a negros e indígenas nas telenovelas. Portanto, isso dificulta um processo de identificação racial positiva. Apesar de que, segundo Hall (2006), a identidade sempre foi algo provisório. O autor afirma ainda que “o próprio processo de identificação, através do qual nos projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se mais provisório, variável e problemático”.⁵⁵ E as telenovelas brasileiras acabam recusando, no seu enredo, até mesmo a provisoriedade do processo de identificação, por exemplo, dos negros, sempre esquecidos e negados nos folhetins. E quando

⁵¹ ARAÚJO, 2006, p. 76 (grifo do autor).

⁵² ARAÚJO, 2006, p. 77.

⁵³ ARAÚJO, 2006, p. 77.

⁵⁴ ARAÚJO, 2006, p. 77.

⁵⁵ HALL, 2006, p. 12.

ocorre o destaque de uma personagem negra, o processo de identificação na teledramaturgia se manifesta de maneira apagada, fragmentada e tímida. Mesmo que a situação de inserção dos negros nos folhetins tenha avançado um pouco. Entretanto, a representação de uma personagem negra apagada, fragmentada e tímida, como apontado logo acima, contribui negativamente para uma visão social do segmento negro muito estereotipado e deslocado virtualmente das suas matrizes culturais. Isso, talvez, inviabilize e gere uma crise na questão da autoidentificação desse segmento.

Há de se reconhecer, no entanto, para não se deixar cair num extremismo, que as novelas televisivas não são capazes sozinhas de causar este efeito. Pois, a discriminação racial, o racismo e a ideologia do branqueamento são construções sociais formatadas ao longo da história de estruturação do Brasil. Todavia, o que procuro refletir aqui neste artigo, é que os folhetins, e a televisão de modo mais abrangente, estimula, em certa medida, a concepção de pertencimento na população negra no Brasil atrelado ao pensamento hegemônico branco. Ou seja, todos os valores estéticos, morais e costumes têm como referência o branco.

Por conseguinte, o mundo contemporâneo, de acordo com Bauman (2005), está passando por uma profunda crise de identidade. De maneira que as culturas subalternizadas pelas elites hegemônicas se encontram com seus modos de perceber-se e de representar-se comprometidos. Nessa perspectiva, as telenovelas exerceriam a função de transmitir os valores hegemônicos subalternizando as minorias,⁵⁶ por exemplo, as negras e indígenas do país. Desse modo, o brasileiro que tem a ascendência negra encontra dificuldades em se reconhecer como negro, pois lhe é imposto, a todo o momento, nas interações sociais e de certa forma nos meios de comunicação, sobretudo pela televisão e, em particular, pelas telenovelas, que seu modo de se afirmar como negro, ou indígena, brasileiro, deve ser outro. E isso em detrimento da busca de identificar-se com a cultura euro-norte-americana, ou seja, com a mentalidade da elite branca brasileira, portanto, hegemônica.

Apesar do processo de hibridação⁵⁷ que a população brasileira carrega, o que se vê repetidamente nos folhetins é a negação do pertencimento racial da população negra. A identificação desta última vem sobrecarregada de clichês e estereótipos, sendo negativamente exposta nas telenovelas.

A novela brasileira apresenta, em seu enredo, temas inspirados e originados na trama social. Isso permite que as pessoas se identifiquem com as narrativas. No entanto, como a telenovela é um produto da cultura audiovisual,⁵⁸ há um ar de semelhança que as caracteriza, com um repertório que é próprio da seriação desses produtos. Nesse repertório, os clichês são recorrentes. Porém, determinantes para o sucesso de audiência com o público. De forma que, em quase todos os folhetins, por exemplo, os mocinhos e mocinhas, os heróis e heroínas são

⁵⁶ Este conceito no sentido da pouca representação política e de mínima garantia dos direitos constitucionais.

⁵⁷ CANCLINI, 2013.

⁵⁸ ARAÚJO, 2004.

fenotipicamente brancos. Já os serviçais, na sua maioria, são negros e com pouca participação na trama⁵⁹.

Segundo Araújo (2004), para quem assiste em outras nações as telenovelas produzidas no Brasil, fica a impressão de que no país a maioria das pessoas são brancas. Podendo ser levado a imaginar que aqui não haveria problemas raciais, que vivemos numa genuína democracia racial, sendo que as telenovelas dizem implicitamente um pouco de como a sociedade brasileira é organizada.

Nas telenovelas, produto audiovisual principal da televisão brasileira, ao se analisar, verificando os detalhes, será possível notar, na perspectiva de um recorte racial, que a participação do negro é mínima, como já afirmado em outros trechos deste texto. E, em certos casos, completamente ausente de alguns programas televisivos. Sobretudo, como apresentador de algum programa de auditório, ou em alguns folhetins em determinados horários. Dessa forma Araújo nos diz que:

Nenhum dos grandes atores negros parece ter escapado do papel de escravo ou serviçal na história da telenovela brasileira, mesmo aqueles que quando chegaram à televisão já tinham um nome solidamente construído no teatro ou no cinema, como Ruth de Souza, Grande Otelo, Milton Gonçalves e Lázaro Ramos.⁶⁰

De forma que aos atores e atrizes negras, “a indústria audiovisual e dramática do país”⁶¹ reservou-lhes sempre atuações e papéis subalternos nas telenovelas. Como se coubessem a eles apenas à representação de uma segunda classe de seres humanos. Reportando sutilmente, de um modo ou de outro, o flagelo e humilhação que o terror da escravidão infligiu aos africanos transplantados há mais de três séculos para o Brasil. Portanto, quando o negro é inserido nas telenovelas incorporando somente personagens subalternos e inferiorizados, é-lhe atribuído, no imaginário popular, um signo de inferioridade, seja fenotípico, estético ou moral, que constitui uma marca que faz com que o público telespectador o identifique como negro. Desse modo, toda situação de discriminação em relação ao negro tem um ponto de partida emblemático, que o caracteriza estereotipando sua imagem nas telenovelas.⁶²

As telenovelas propagam o ideal de branqueamento (que faz parte do pensamento hegemônico). E, interioriza subjetivamente na maioria da população negra (que envolve os pretos e pardos) certo mal-estar de fazer parte de um grupo etnicorracial com rica cultura e um fenótipo exuberante, mas que reiteradamente sofre uma negação nas telenovelas. Sonhando assim o direito de sua representação sem estereótipos e de modo afirmativo. A indústria cultural brasileira

⁵⁹ ARAÚJO, 2004.

⁶⁰ ARAÚJO, Joel Zito. *O negro na dramaturgia: um caso exemplar de decadência do mito da democracia racial no Brasil*. Casa de Criação Cinema e Propaganda. Estudos Feministas, Florianópolis, 2008. p. 979.

⁶¹ ARAÚJO, 2008, p. 979.

⁶² GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. *Classes, raças e democracia*. São Paulo: Fundação de Apoio à Universidade de São Paulo; Ed. 34, 2002.

incorporou a ideologia do branqueamento, isso dificulta o reconhecimento, a valorização e a discussão das questões raciais no Brasil.⁶³

Subjetivamente, as telenovelas reforçam o racismo presente na sociedade brasileira, ao difundir, por meio da dramaturgia, a estética leucodérmica (branca) hegemônica.⁶⁴ E esta estética ou fenótipo como a principal referência de beleza dos brasileiros que são exportados, por exemplo, através dos folhetins.

Esta referência recorrente da estética branca nas telenovelas acaba proporcionando um silenciamento da cultura e da identidade negra brasileira. Entretanto, sabe-se que, de acordo com Bauman (2005), Hall (2006) e Canclini (2013), as identidades não são fixas. Hall afirma que, na realidade, a identidade seria apenas uma fantasia.⁶⁵ Mas, se tratando da questão racial, não há como negar o processo de identificação (ou uma identidade provisória),⁶⁶ que é necessária aos negros brasileiros na questão até mesmo de fomentar a autoestima e no enfrentamento ao racismo, demarcando uma posição, mesmo que provisória.

Segundo Santos,⁶⁷ a questão da identidade e da cultura afro-brasileira estão conectadas diretamente com os diferentes povos africanos trazidos para cá. Estes contribuíram singularmente de vários modos para a formação da cultura brasileira (que, diga-se de passagem, já nasceu hibridada). Sendo que a herança cultural que deixaram, com seus descendentes, é negada constantemente, sobretudo nas novelas. Pois, de acordo com Santos, “[...] a grande contribuição do negro à cultura brasileira ou era folclorizada ou era reduzida ao passado, à história ‘o negro *deu* o vatapá, o índio *trouxe* o gosto pelas lendas, - sempre as formas verbais pretéritas”.⁶⁸ Esse passado histórico, no qual o Brasil utilizou de mão de obra de pessoas escravizadas, é sempre recuperado pelas telenovelas. Ora ou outra, os folhetins tratam esse passado histórico, como no caso da abolição, como se tivesse sido apenas o resultado do esforço do homem branco. Desconsiderando as inúmeras revoltas e as resistências promovidas pelos homens e mulheres negras no período.

Para citar exemplos da teledramaturgia brasileira, encaminhando-se para o encerramento deste texto, gostaríamos de exemplificar como o passado histórico é retratado, notadamente em questões como o da abolição, em duas novelas: *A Escrava Isaura*, de 1977 e *Sinhá-Moça*, de 1986.

As telenovelas *A Escrava Isaura* e *Sinhá-Moça*, ambas produzidas pela Rede Globo,⁶⁹ reproduziram, em relação à abolição e aos negros, na condição de pessoas escravizadas, diversos estereótipos. Entre eles, o da passividade, da indolência e da submissão ao senhor de engenho, demonstrando resignação da condição na qual viviam e tendo esperança de serem libertados por um

⁶³ ARAÚJO, 2004.

⁶⁴ MOORE, Carlos. *Racismo e Sociedade: novas bases epistemológicas para entender o racismo*. – Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007.

⁶⁵ HALL, 2006.

⁶⁶ BAUMAN, 2005.

⁶⁷ SANTOS, Ângela Maria dos. *Identidade e Cultura Afro-Brasileira*. Cuiabá: EdUFMT, 2011. Volume/Módulo 8 (Relações Raciais e Educação na Sociedade Brasileira).

⁶⁸ SANTOS, 1988, prefácio, apud SANTOS, 2011, p. 6 (grifos do autor).

⁶⁹ ARAÚJO, 2004.

herói branco, como o representado na novela *Sinhá-Moça* pelo Irmão do Quilombo.⁷⁰ Nesse sentido, os folhetins operam recursos ao realçar a figura das personagens brancas, apresentando-as, no conjunto dos capítulos, mais de 70 por cento das vezes do que as personagens negras. Isso pode, na recepção desses produtos audiovisuais pelos telespectadores, (embora estes últimos não sejam passivos quanto a esta recepção), introjetar psicológica e ideologicamente o branqueamento e o comportamento hegemônico estabelecido. Esta introjeção ocorreria em diversos aspectos: a ressaltar, nos hábitos e nos costumes dos negros brasileiros, fragilizando o sentimento de pertencimento racial dessa população.

Portanto, isso demonstra que, na concepção e no pensamento das elites hegemônicas, tanto o negro quanto o indígena contribuíram na formação da cultura brasileira. Entretanto, negam que se apresentem como parte desse processo de hibridação, nesse caldo cultural que é o Brasil. E tal pensamento hegemônico reside no imaginário brasileiro, sendo reforçado, em grande medida, pelas novelas.

Considerações Finais

Procuramos, ao longo deste artigo, apresentar as concepções de identidade segundo Bauman, Hall e Canclini. Destacando, deste último autor, também a noção de hibridação. Assim, pois, de acordo com estes autores, a identidade, como algo puro e imutável é descartada, constituindo uma mera ficção. O que existiu seriam processos identitários e estes estão em uma dinâmica de construção e reconstrução. E a ideia de hibridação está relacionada diretamente com esta questão, já que as identidades, por não serem puras, são os resultados das hibridações de diversas culturas e costumes. Entretanto, quando se discute a questão do racismo, os que negam que no Brasil haveria preconceito racial, lançam mão de uma outra ideologia: a de que se vive aqui no Brasil uma democracia racial. Certamente que a hibridação, tanto do ponto de vista cultural como do ponto de vista do fenótipo da população brasileira, é algo evidente e marcante. Mas, a hibridação, nos seus diversos aspectos, ainda não conseguiu apagar a pecha do racismo.

A questão do racismo, desse modo, abrangeria praticamente todas as relações e espaços de interações sociais no Brasil. Escolhemos as telenovelas para exemplificar esses espaços de interações sociais e transmissão de comportamentos em que o preconceito racial se faz presente de forma sutil e ao mesmo tempo velada.

O cineasta Joel Zito Araújo trata dessa questão, sobretudo, na sua obra *A negação do Brasil: o negro na telenovela brasileira*. Ele mostra que os atores negros sempre foram preteridos nos enredos novelísticos. E quem assiste aos folhetins brasileiros (sejam telespectadores nacionais ou estrangeiros) pode ter uma falsa impressão de que no Brasil há uma maioria branca e que se vive em uma democracia racial.

Portanto, os processos de hibridação, sobretudo o cultural e o social e seus diversos aspectos, pelo menos aqui no Brasil, vivem em clima de alta tensão, e não deram conta ainda da

⁷⁰ ARAÚJO, 2004.

superação do preconceito racial existente. No entanto, os processos de hibridação são constantes. E, sendo assim, talvez resida aí uma das saídas para o racismo brasileiro de difícil diagnóstico, porém sutil, mascarado e constante.

Referências

ARAÚJO, Joel Zito. *A negação do Brasil: o negro na telenovela brasileira*. São Paulo: Editora Senac, 2004.

_____. O negro na dramaturgia, um caso exemplar de decadência do mito da democracia racial no Brasil. Casa de Criação Cinema e Propaganda. *Estudos Feministas*, Florianópolis, 2008. Disponível em: <www.scielo.br/pdf/ref/v16n3/16.pdf>_ Acessado em 14/03/2012.

BAUMAN, Zygmunt. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. – Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

CANCLINI, Néstor García. *Culturas Híbridas: Estratégias para Entrar e Sair da Modernidade*; Trad. Heloísa Pezza Cintrão, Ana Regina Lessa; Trad. da introdução Gênese Andrade. – 4. ed. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 2013.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. *Classes, raças e democracia*. São Paulo: Fundação de Apoio à Universidade de São Paulo; Ed. 34, 2002.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 11ª. ed. – Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

MOORE, Carlos. *Racismo e Sociedade: novas bases epistemológicas para entender o racismo*. – Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007.

SANTOS, Ângela Maria dos. *Identidade e Cultura Afro-Brasileira*. Cuiabá: EdUFMT, 2011. Volume/Módulo 8 (Relações Raciais e Educação na Sociedade Brasileira)